

A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA PARA O LEVANTAMENTO DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Éser Pacheco (Unicentro Newton Paiva e PUC Minas) e colaboradores* Alunos(as) do estágio em Psicologia e Ecologia Humana (2005) do Unicentro Newton Paiva: Adriana Aparecida Carvalho Costa, Bruna Kelly Perillo, Carina Ferreira de Souza, Clayson Ferreira Leite, Cristiano Valadares Werneck, Edésio de Oliveira, Fabiana de Cássia Reis Marques, Fabrício Oliveira Reis, Patrícia Kelly Lopes de Paula, Ricardo Lúcio da Costa, Rachel Ramos Ibañes, Roberta Drumond Oliveira.

Introdução

A Ecologia é, por definição, um estudo complexo e interdisciplinar, mas ainda está sendo construído o lugar exato de onde a Psicologia pode contribuir nesta investigação. A psicologia social tem largado na frente nessa caminhada, ao propor a discussão sobre as especificidades das comunidades humanas envolvidas em questões ecológicas, sejam elas relativas a projetos de proteção ambiental, ocupação urbana, ou qualquer outro contexto onde a relação do homem com o ambiente é problema que demanda uma reflexão da academia. Existem, entretanto, certos pontos nessa discussão interdisciplinar onde há uma disputa entre ciências biológicas, geográficas ou humanas. Num dos pontos de interseção entre a psicologia e a geografia encontra-se o conceito de percepção ambiental. É interessante notar como esse conceito tem estabelecido conexões entre um estudo sobre o meio físico, afeito aos métodos da Geografia, e uma reflexão sobre as relações desse meio com a subjetividade, própria do instrumental psicológico. Parece ser exatamente por se colocar no meio do terreno que esse conceito tem sido definido de maneira ora mais próxima às ciências físicas, ora mais próxima aos saberes que, no passado, foram chamados “ciências do espírito”. Percepção ambiental é, entretanto, uma representação científica e, como tal, tem sua utilidade definida pelos propósitos que embalam os projetos do pesquisador. Como adverte Becker, as representações científicas são como mapas que “fornecem um retrato parcial que é, todavia, adequado a alguma proposta. Todos eles surgem em ambientes organizacionais, que restringem o que pode ser feito e definem os objetivos a serem alcançados pelo trabalho” (BECKER, 1999, p. 136).

Objetivos

Discutir o conceito de percepção ambiental não é uma questão de dizer quais das representações parecem corresponder melhor à realidade, mas elucidar as perspectivas científicas, sociais ou políticas veiculadas através da utilização desse conceito. Em torno das orientações epistemológicas que dão origem às diferentes representações científicas agrupam-se visões de mundo, interesses grupais, disputas políticas, enfim, tudo aquilo que compõe o universo de forças que faz da ciência não um conhecimento “neutro”, mas um saber contextualizado e endereçado. Em um trabalho de consolidação do que até à época representava uma visão geral das pesquisas em percepção ambiental no Brasil, Del Rio e Oliveira (1996) distinguem duas vertentes principais de orientação epistemológica: estruturalismo e fenomenologia. A vertente estruturalista receberia influências de trabalhos pioneiros anglo-saxões, notadamente de Lynch e Cullen, mas também comportaria visões próprias de pesquisadores brasileiros inspirados na semiótica de Peirce ou de Saussure. Já a vertente fenomenológica teria em Tuan e a geografia humanística a sua inspiração mais forte. Resta saber, então, até que ponto a adoção dessas perspectivas epistemológicas representa também uma forma típica de se entrar no debate sobre as relações do ser humano com o ambiente. Já que os autores acima autorizam um agrupamento em torno de posturas estruturalistas e fenomenológicas, poderíamos, a título de exemplo, indagar sobre as visões de ser humano presentes em cada uma dessas correntes. Figueiredo afirma que “a neutralização do sujeito caracteriza o ideal científico dos estruturalismos e os coloca como uma espécie de positivismo das ciências humanas” (1991, p. 153). Já para a perspectiva fenomenológica, segundo o mesmo autor, “conhecer o homem torna-se necessário porque é o sujeito a fonte constitutiva não só de todo conhecimento como de todo objeto possível de experiência e reflexão” (FIGUEIREDO, 1991, p. 174). Se Figueiredo estiver certo, teríamos aí um argumento para pensar uma oposição entre vertentes que concedem maior ou menor importância ao papel do sujeito na definição de percepção ambiental, o que implicaria em consequências evidentes quanto aos aspectos ideológicos e éticos envolvidos. Todavia, é preciso esmiuçar mais essas classificações e fazer uma reflexão mais profunda sobre todas as nuances presentes nas abordagens ao conceito enfocado. Como forma de adentrar o debate e aproximar a Psicologia das grandes questões da Ecologia Humana, foi criado um estágio nesta área no Unicentro Newton Paiva de Belo Horizonte. O supervisor e os alunos desenvolveram uma pesquisa, em parceria com o Centro de Estudos do Meio Ambiente, sobre a percepção da comunidade de Cordisburgo (MG) quanto aos principais aspectos da cidade,

enfazando-se, especialmente, a relação dos habitantes com os dois principais pontos turísticos: a Gruta do Maquiné e o Museu Casa de Guimarães Rosa. Tal pesquisa teve o intuito de dar voz à comunidade no processo de desenvolvimento do turismo cultural e ecológico sustentável no município.

Material e Métodos

Foi utilizada uma metodologia fenomenológico-hermenêutica de pesquisa qualitativa, por acreditarem, os pesquisadores, que o levantamento da percepção ambiental deve refletir as significações construídas pela comunidade em torno dos elementos geográficos. Assim, a pesquisa representou a proposta de se trabalhar o conceito de percepção ambiental trazendo-se toda a bagagem de escuta da psicologia fenomenológico-hermenêutica, de modo a valorizar a participação e o potencial das comunidades envolvidas em projetos de turismo sustentável. Como afirma Irving, “na interpretação do lugar turístico, o ator social é o protagonista e sem ele não existe espetáculo” (2003, p. 178). Por isso, “é necessário mapear, numa visão prospectiva, a percepção, expectativas e motivações dos que estão e dos que virão a compor o lugar turístico” (IRVING, 2003, p. 181). A amostra compôs-se de 30 entrevistas semi-dirigidas, com representantes de diferentes setores da comunidade: empresários, funcionários públicos, lideranças comunitárias, lideranças políticas, moradores e outros. As conclusões inferidas a partir do conteúdo das entrevistas estão ainda em processo de elaboração e inclusive serão utilizadas na confecção Plano de Manejo da Gruta do Maquiné. Entretanto, já se pode adiantar algumas conclusões quanto à metodologia de trabalho utilizada.

Conclusão

Em primeiro lugar, nota-se que a aproximação da Psicologia às ciências ambientais é extremamente útil e até indispensável, como forma de promover a escuta da complexidade dos valores e das expectativas das comunidades inseridas num determinado ambiente. De um modo bem prático, nota-se que o estudante de Psicologia tem um certo treino para a escuta do “mundo vivencial” dos seres humanos que traz uma contribuição significativa na hora de definir linhas de intervenção, planos de manejo, projetos de desenvolvimento etc. Por outro lado, nota-se que algumas tensões surgidas no seio de um trabalho interdisciplinar são resultado da adoção de princípios epistemológicos diferentes e, muitas vezes, conflitantes, os quais implicam em posturas éticas distintas. O que demonstra que os trabalhos interdisciplinares, dos quais a Ecologia tanto necessita, precisam ser acompanhados de um contínuo processo de explicitação e acordos quanto aos referenciais epistemológicos. No final das contas, ainda pairam sobre nós as sombras das querelas epistemológicas que marcaram os dois últimos séculos passados e que deixaram em suspenso questões de princípio, tais como, “o que é o homem”, ou mesmo, “o que é o mundo”. Espera-se que a presença da Psicologia neste debate possa ajudar a superar os impasses, na medida em que contribui para tornar patente a complexidade dos problemas tratados em Ecologia.

Referências Bibliográficas

- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. 4ª edição. São Paulo: Hucitec, 1999.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs.). *Percepção Ambiental*. São Paulo, São Carlos: Studio Nobel, Editora da UFSCa, 1996.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio M. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- IRVING, Marta de Azevedo. Turismo como instrumento para desenvolvimento local: entre a potencialidade e a utopia, in: D'AVILA, Maria Inácia; PEDRO, Rosa (orgs.). *Tecendo o desenvolvimento: saberes, gênero, ecologia social*. Rio de Janeiro: Programa EICOS, 2003.
- MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Thomson Pioneira, 2002.